

A ESCOLA PRIMARIA

Revista de Educação

SUMMARIO

	U. N. E. União Nacional de Educação
<i>O. S. Reis</i>	Educação moral e civica
<i>Viriato Corrêa</i>	A latinha de merenda
<i>P. A. Pinto</i>	Lingua Materna
<i>Leon Renault</i>	As Republicas Juvenis
<i>Mestre Escola</i>	Tres palavrinhas
<i>Francisco Prisco</i>	O Seculo da criança Centro de Professores Francisco Viana
<i>Anrea Xavier</i>	Brasil Escravocrata

Redacção e Administração

Rua Sete de Setembro, 174

BN
I 233-
1 20

RIO DE JANEIRO

BRASIL

Assegure SEM COMPROMISSOS



SI, ao planejar um meio de assegurar o futuro de sua esposa e seus filhos, deante de qualquer eventualidade, se torna difficil para o Sr. assumir compromissos por certo prazo, a Sul America, com seu novo plano de seguro a premio unico, traz-lhe a soluçao para o caso. O Sr. poderá ir adquirindo mensalmente, ou como mais lhe convenha, annos seguidos, titulos separados de um ou mais contos de reis, por preço muito inferior ao valor declarado. Essas apolices ser-lhe-ão pagas, dentro de um prazo fixo, correspondente ao seu pagamento actual, como renda ou peculio para o futuro. E com esta vantagem: si um imprevisto o roubar ao carinho dos seus, o peculio que houver formado — 20, 50, 100 contos — será pago de uma vez aos seus herdeiros. E' uma economia, um negocio, um seguro. Remetta-nos o coupon ao lado e receberá completas informações sobre esse e outros planos da Sul America.



Fundada em 1895

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

TRES SEculos DE EVOLUÇÃO MUSICAL (A História da Musica e dos Grandes Mestres) — Todas as 6as. feiras ás 20.30 na RADIO TUPI. (1.280 Kilocyclos).

A' SUL AMERICA

Caixa 971 - Rio de Janeiro

Poco enviar-me, sem compromisso algum de minha parte, informações completas sobre o Plano Total a Premio Unico, de Acquisições Periodicas. In'e essa-me um prazo de 10, 15, 20 annos (Ri.ca. aquelles que não interearem).

5 VVVV

Nome _____
 Data do nascimento _____
 Profissão _____
 Endereço _____
 Cidade _____
 Estado _____

A ESCOLA PRIMARIA

— REVISTA MENSAL —

Directores responsaveis :

ALFREDO C. DE FARIA ALVIM e

RUY CARNEIRO DA CUNHA

Superintendentes do Departamento de Educação

REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174

RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS :

Para o Brasil } um anno.... 12\$000
 } 6 mezes..... 6\$000

SUMMARIO

U. N. E. União Nacional de Educadores	Mestre Escola	Tres Palavrinhas
O. S. Reis..... Educação moral e civica	Francisco Prisco	O Seculo da criança
Viriato Corrêa..... A latinha de merenda	—	Centro de Professores Francisco Viana
Pedro A. Pinto..... Língua Materna	Aurea Xavier	Brasil Escravocrata.
Leon Renault..... As Republicas Juvenis		

U. N. E.

De conquista em conquista vem o magistério do Distrito Federal galyando o lugar que lhe compete como pastor do numeroso rebanho que lhe é confiado, alargando e clareando a senda a percorrer, dando o ponto de apoio á alavanca que sustentará o mundo — a instrução.

No momento em que de toda parte, das várias atividades, surgem manifestações de solidariedade; quando de todos os setôres ouve-se o grito de — reunir; não podia o professorado continuar deixando espalhado o seu esforço, as suas energias, com um conseqüente desperdicio de prestigio.

E assim, em bóa hora reuniram-se, acobertando-se sob a mesma bandeira, tres das valorosas associações de professores: a «Associação dos Professores Primarios», a «Ordem dos Professores» e a «Liga de Professores» para, numa comunhão de ideais, formar a entidade representativa dos professores do Brasil.

E para mais realçar talvez a afinidade que ligou essas tres Associações, sintetizando a indissolubidade dos elementos componentes da nova formação, recebeu ella o batismo de União Nacional de Educadores, ou seja, pelas suas iniciais, a U. N. E.

Nesse trabalho de congraçamento realizado sob os auspícios do Departamento de Educação, alcançaram os professores o titulo de cidadania profissional que lhes trará, dóravante, a força motriz só emanada dos empenhamentos erguidos sobre um pedestal de lealdade e confiança.

E só pela conquista dêsse titulo sentem os ex-Presidentes das Associações que se abraçaram a satisfação experimentada por aqueles que realizam, na maior harmonia, acautelando direitos, a obra de confraternização e de amparo moral que é a U. N. E.

Cumprindo uma das suas finalidades, dará ao professorado, muito breve, a «Casa do Professor» onde êle encontrará sempre, segundo plano já delineado, aquele ambiente de cordialidade completa que produz, como resultado, o bem-estar fisico, a saúde moral, o recreio intelectual.

A «A Escola Primaria» que se integrou sempre em toda a vida funcional de magistério, compartilhando dos seus dissabores e festejando as suas conquistas, sente-se neste momento jubilosa e pelas suas colunas envia á U. N. E. os angúrios de felicidades.

Reunindo atividades; vencendo obstáculos para alcançar seus ideais que são os de toda a classe, terá a U. N. E. sabido atingir os altos desígnios que lhe foram impostos pela investidara de tão importante papel, qual o de representar e defender os interesses dos professores do Brasil.

Intérprete unissona de milhares de vozes. escudada no mais são principio de mútuo auxílio — um por todos, todos por um — viverá e prosperará a União Nacional de Educadores sob a proteção de seu lema: U. N. E.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção: Rua Sete de Setembro, 174

UNIÃO NACIONAL DE EDUCADORES

O magisterio primario vae, em breve, ter a sua grande associação de classe, a «UNIÃO NACIONAL DE EDUCADORES», resultante da fusão de tres prestigiosas sociedades de professores: a Associação dos Professores Primarios a Liga e a Ordem dos Professores.

Para organizar o projecto de estatutos, de cujos trabalhos foi coordenador o Sr. Dr. Costa Sena, illustre Diretor do Departamento de Educação, reuniram-se, em seu gabinete e em sessões sucessivas, os representantes das associações interessadas nos trabalhos de fusão, discutindo todos os detalhes da nova entidade que cuidará não só do amparo ao professor como também da defesa dos interesses da classe.

Observando a mesma estrutura das associações que lhe dão origem, a U. N. E. deverá reunir em seu quadro social não só os professores primarios municipais e particulares, como também os superintendentes, professores orientadores e fiscais, professores do Instituto de Educação, os tecnicos secundarios, ós de ensino noturno, estagiarios, substitutos, diplomandos e alunos de qualquer gráo do Instituto de Educação, bem assim medicos escolares, dentistas, enfermeiras e professores jubilados ou em disponibilidade, agrupados em «centros».

Para atender aos interesses dos educadores a U. N. E. creará departamentos de assistencia social, de educação politica, de cultura, de recreação, de publicidade, aos quais poder-se-ão filiar os representantes das diversas classes do magisterio publico ou particular, primario, secundario, especializado ou superior de todo o territorio social.

No seu quadro de socios poder-se-ão inscrever não só os educadores do Distrito Federal, como o de todo o Brasil, como correspondentes, remidos, benemeritos, cooperadores, etc.

A U. N. E. terá, além do Conselho Deliberativo e da Diretoria, um Conselho Fiscal e uma junta que administrará a «Casa do Professor», finalidade primacial da fundação da U. N. E.

Do esforço centralizador dos educadores depende o exito dessa formidavel obra de congraçamento que se propõe também a

defesa dos nossos ideais de educação e á construção imediata da «Casa do Professor».

A «Casa do Professor» propõe-se a prestar assistencia sob varias modalidades, aos socios da U. N. E.; dispendo, para isso de uma séde social confortavel—que será a séde da UNIÃO NACIONAL DE EDUCADORES—de uma casa de recreio e repouso em arrabalde desta cidade servindo ao mesmo tempo, como clube de leitura, de palestras, diversões e esportes; de um consultorio e ambulatorio medico e dentario; de uma farmacia para execução de receitas e um laboratorio para pesquisas clinicas e applicações terapeuticas e, mais tarde, de um hospital, situado nesta cidade.

A U. N. E. não terá absolutamente, nenhum aspecto regionalista, antes procurará combater todos os exageros dessa natureza como perturbadores da coesão nacional e da formação sadia do sentimento do amor patrio.

Com um programa de tão larga projeção educativa, certo, em pouco triunfará a U. N. E. cuja sessão de instalação solene se verificou a 17 de Junho proximo passado, no Auditorio do Instituto de Educação, sob a presidencia do Sr. Diretor do Departamento de Educação, e perante seleta assistencia.

Iniciada a solenidade, fez-se ouvir o Orfeão de Professores, magistralmente regido pelo Maestro Vila-Lobos.

Usou em primeiro lugar, da palavra, o Deputado Diniz Junior, Presidente da Liga de Professores, que em brilhante improviso disse não só da significação do ato que se realizava como também da atuação da Liga, a primeira agremiação de mestres do Distrito Federal, criada por Manoel Bomfim — o insigne e saudoso educador a quem substituirá Floripes Lucas, cuja infatigavel dedicação á causa do magisterio ressaltou, em frases lapidares.

O Sr. Diniz Junior afirma a sua crença nos objetivos nacionais da educação, na co-opeção decisiva do Mestre que entre os quadros excitantes da vida, move, com brandura a criança para transforma-la no homem que deve ser. Concita os educadores a uma campanha pela unidade nacional, em revide ás insanias do separatismo. Eleva o sentimento da patria que ha de ser tangivelmente vivido. Louva a atitude dos professores ca-

riocas unindo-se num exemplo de confraternidade, num elevado espirito de coopeção e termina num bellissimo hino de louvor ao Brasil, cujos destinos repousam nas mãos dos educadores.

Fala em seguida a presidente da Associação dos Professores Primarios, D. Maria do Carmo Vidigal de São Payo, que visivelmente comovida pronuncia o discurso que se segue:

«Senhor Diretor do Departamento de Educação. Minhas colegas. Meus amigos. — A vitoria da tarde de hoje — de alegria e de esperança — fala mui de perto ao coração dos educadores para quem se abrem novas perspectivas e, principalmente, é muito expressiva para a «Associação dos Professores Primarios» que sempre defendeu a unidade dos mestres com o mesmo calor e o mesmo elevado espirito de patriotismo com que defendem a idéa da unidade nacional, os verdadeiros amigos do Brasil.

Senhores — A nós, educadores, impõe-nos a Patria o dever sagrado, o dever moral e supremo, o mais delicado e tocante dos deveres, na sua expressividade — de orientar, instruir e educar as gerações do futuro, conduzindo-as para horizontes que se dilatam nas sublimes clarividencias da verdade.

Do mestre exigem: a Patria, o governo, a sociedade e a familia — a coragem, o civismo, a abnegação, o sacrificio e o auouimato. Entretanto, na corrente viva da existencia humana, a obra do educador é quasi sempre relegada, desvirtuada, esquecida, para ser apreciada ás vezes, só muito depois de sua morte.

Entretanto, é ele, cuja tarefa consiste no amor á criança, á justiça e á verdade, quem mais influe na vida espiritual de seu semelhante, a quem eleva a um estado de alma mais perfeito, concorrendo para a formação moral e salvação dos individuos, parcelas formadoras da sociedade e influindo, assim, voluntaria ou involuntariamente, para o progresso da humanidade.

Qual, porém, a sua posição no cenario politico-social de nossa terra?

São os educadores, orgãos sociais incumbidos da civilização nacional, os bandeirantes de uma doutrina do bem, aqueles que alicerçam, constroem e guiam as aspirações coletivas. Por isso, aqui ou

além o magisterio será sempre força triunphante, quer nos dominios da inteligencia, quer no das atividades sociais, porque, ele é, de fato, o plasmador por excelencia, da personalidade humana, e da conciencia nacional. Distribuido, no entanto, em nucleos independentes, sem uma diretriz uniforme, a corporação dos mestres não poderia, nunca, servir, com real eficiencia á classe, fixar-lhe normas aos ideais de coletivismo ou mesmo ás conquistas de carater méramente politico-social.

O que se impunha, era unir a classe dos educadores, para a defesa dos seus direitos e estabilização de seus destinos. Sua fragmentação em diversos grupos associativos, enfraquecendo a ação, dispersava energia, afastava expoentes do magisterio, aticava o germen de uma desunião esterilizante, dificultando o exito das reivindicações maximas.

Foi auscultando a alma coletiva da classe, foi observando a necessidade de resolver seus problemas vitais, foi reconhecendo que os interesses do todo não podiam ser prejudicados por pequenas divergencias, oriundas do ponto de vista, que pensamos na união dos educadores numa grande associação, capaz de proporcionar-lhes dias de maior conforto e tranquilidade, permitindo-lhes, por um congraçamento leal e entusiastico, melhor defesa com maior eficiencia.

Hoje, em que parte desse sonho se realiza, a A. P. P. sente-se profundamente satisfeita em partilhar desta festa de luz e de beleza — porque a inteligencia é do coração — e congratula-se com o professorado, com as associações congêneres e com a Administração do ensino Municipal pela solução feliz de um dos mais complexos problemas do magisterio.

Nesta transformação para uma vida associativa de trabalho mais intenso recái sobre os nossos ombros, os representantes das diretorias das associações que se fundem, uma grave responsabilidade: a de defender e garantir a vida da U. N. E. demonstrando áqueles que não crêem no poder da coopeção, e assegurando aos que acreditam nas iniciativas generosas, que o movimento desta hora de elevação moral não significa a morte das entidades que se congregam para a formação da U. N. E., mas simboliza o verdadeiro senso de confraternidade — que a todos empolgá e ex-

prime uma obra de desprendimento e de aproximação — que a todos irmana — sementeira promissora da idéia-força que se reflete e afirma neste instante glorioso e inesquecível.

Na imponência deste recinto, na magestade desta hora solene, como que o espírito se ajoelha para prestar culto á mais elevada e pura das religiões, que é a religião da perfeita solidariedade humana. Obra de solidariedade e de amor profissional, a idéia da criação da U. N. E., forjada pelos operários da alma que são os educadores; guiada pela força poderosa e invencível da educação; tendo como pioneiros, elementos os mais destacados dos nossos meios educacionais, entre os quais ressalta, sem favor, a figura do atual Diretor do Departamento de Educação, Dr. Costa Sena, afigura-se-nos decisivo o seu triunfo.

E, ao falar-vos nos pioneiros da idéia, permiti-me que, dentre outros, destaque: Cesário Alvim, Diniz Junior e Zopiro Goulart, mais intimamente ligados á A. P. P., como incentivadores decisivos desta e de uteis e felizes iniciativas que muito têm beneficiado o professorado.

Zopiro Goulart, ha pouco desaparecido do nosso convívio, depositava absoluta confiança na criação da U. N. E., que é sentida como alicerce fundamental da «Casa do Professor». No conjunto maravilhoso de seus trabalhos, nas suas orações em dias alegres e sombrios — corações animados pela palavra simples, suave, persuasiva e entusiástica, cheia de fé e vida. Zopiro Goulart, acolhendo a idéia de Cesário Alvim que Diniz Junior propagou pelo rádio em magistral discurso, a 7 de Setembro de 1933, para todo o Brasil, tornou-se o mais denodado defensor do pensamento de fusão das associações, fusão que haveria, sob a sugestiva designação de U. N. E., de sagrar e harmonizar, como bandeira de paz e confraternização, a aproximação de todos os educadores.

Não morrem, portanto, as sociedades que hoje se congregam, como não morrerão, jamais, os grandes idealistas e os nobres corações que as organizaram, dando-lhes o entusiasmo de sua crença, o exemplo do seu trabalho e do seu civismo. «Mortos não ha»; os que se vão, animam a existência dos que hão de vir, como centelha da eternidade que é a chama da vida».

Vivamos intensamente, este momento de transformação — e nos preparemos como milicianos da educação, com a mesma fé dos batalhadores medievais, para a cruzada illuminada de um novo destino, conservando intacto o nosso entusiasmo, e integrando-nos no todo a que pertencemos como células vivas num magnífico trabalho em cooperação. A obra que nos propomos realizar é daquelas que exigem coragem, devotamento e amor. Não nos esmoreça, porém, o vulto do edificio social a construir. Lembremo-nos de que no tumultuar dos acontecimentos, em todas as épocas; no cenário inquietante da vida contemporânea, têm sido os mestres os legionários dos ideais de Justiça e de Verdade, encontrando as ações numerosas e nobres na mulher educadora, a condição primordial para o seu triunfo: a lógica do coração e a índole conservadora dos sentimentos ancestrais.

Mas, quer no recesso dos lares ou fóra dele, vemos a mulher moderna seguindo a ondulação febril das idéias renovadoras vergar ao peso dos instrumentos de trabalho, colaborando com o homem nas suas descobertas científicas, destacando-se no terreno das letras e das artes, educando e instruindo, confortando ou curando, propagando os ideais pacifistas que concorrem para a afirmação de grandeza das paginas livres, imperando pela bondade, condição primordial da felicidade, do equilíbrio das forças que governam o mundo, da disciplina da vontade e revelação de uma educação moral superior.

Atravessamos, todos nós, ou sentimos, uma fase de intensa e laboriosa adaptação ao meio que não comporta mais atividades egoísticas. Impõe-se a necessidade de reunir energias, consolidar forças procurando uma fórmula que resolva na balança económica de nossos dias, cujo fiel oscila sob o impulso das transformações sociais, os grandes ideais de justiça liberal e humana, anseio que norteou, sempre, as aspirações máximas da humanidade.

Não seria possível conceber o mestre-escola indiferente a esse evoluir incessante.

Novas práticas de ação, disseminadas ao calor supremo das reivindicações, fizeram desaparecer o aspecto estatico que durante muito tempo apresentaram os pro-

fessores e sobretudo, os primários. Rajadas impetuosas de vitalidade e desafoço sacudiram as associações de classe retirando os educadores da letargia de uma aparente indiferença pela própria sorte. E, foi assim que surgiu a lei da unificação das classes, lei aurea, lei libertadora do magisterio primário, precursora de outras que vieram reconhecer direitos mínimos do professor, dando-lhe consciência e despertando-o para uma nova existência.

Dias sombrios e de triunfo, tivemos, sem dúvida, mas sem nunca esmorecer.

Aqueles que têm acompanhado as nossas etapas de trabalho; aqueles que, desde Loreto Machado, cuja memória reverenciamos num preito de gratidão e de carinho, até a obscura oradora que vos fala neste momento — cheia de emoção e de saudade pelos que se foram; de agradecimento e de amizade aos que nos têm animado com a sua colaboração constante, uma palavra boa ou um conselho amigo; daqueles que conhecem os nossos sentimentos de lealdade e que acompanharam de perto o trabalho firme e desassombrado da Associação dos Professores Primários, desses, estamos certos de um julgamento sereno ás atitudes sempre assumidas pela A. P. P. na defesa dos altos interesses do magisterio e dos elevados ideais educativos.

Orientando-se, animando este sonho de união dos educadores, sonho em que se transforma em formosa realidade, a A. P. P. sente-se feliz nessa hora de congratamento que apaga todas as amarguras e que se ilumina da luz de uma nova fé, luz da esperança que ha de clarear a trajetória da U. N. E., conduzindo-a para a realização mais próxima da «Casa do Professor».

A ideia da construção da «Casa do Professor», que constituiu matéria estatutária da A. P. P., desde sua fundação, mantida e ampliada em duas reformas de seus estatutos, exprime uma dessas aspirações coletivas resultantes de um extenso trabalho em cooperação. E de outra forma não seria possível imaginar-se na construção de um edificio social do porte da «Casa do Professor», que jamais poderia significar o fruto de uma ação individualizada, nem tão pouco a realização de uma única entidade associativa. Obra inspirada e concretizada num dilatado espirito de

solidariedade profissional, ela não refletirá apenas a idéia triunfante da A. P. P., mas o devotamento de uma classe que se congrega sob a bandeira da U. N. E. que, autonoma como a desejamos com sua vida íntima e independente para julgar e livre para defender o magisterio, orientar-se-á sempre por esse claro espirito de harmonia a desprendimento indispensáveis á concepção de qualquer idéia.

A estrutura, Srs. professores, da obra que planejamos, requer toda a nossa energia, ardor, bondade, perseverança e abnegação.

Salomão, ao construir o templo lendário, cujo recinto a voz da Sabedoria santificou, ordenava aos mensageiros que se dirigissem a Ofir — região de deslumbramento e de riquezas, para se munirem de preciosas gemas e com elas marchetarem, de pedrarias e ouro, de marfim e onix, as grandiosas e opulentas muralhas desse famoso templo. De Ofir, trouxeram os peregrinos, para gloria do predileto de Davi, os segredos das auroras e da luz, retidos na maravilhosa síntese dos ricos fragmentos da Natureza. Nós também, para erigirmos o nosso templo, a «Casa do Professor», precisaremos buscar as riquezas não menos preciosas e magnificas que se ocultam nas multiplas facetas dos nossos espiritos e dos nossos corações. Unindo-nos nesta hora, mais facilmente, atingiremos a região encantada de Ofir, de nossas almas, para trazermos, iluminada, á luz de nossa crença, as gotas de seiva quente, de sangue rubro e de vida ardente para que se cristalizem e convertam nas pedrarias cintilantes que irão constituir os elementos básicos da «Casa do Professor». Obra de inteligência e do coração; de mestres e para mestres; do presente ao futuro; obra de vanguardeiros que põe em vitorioso paralelo o edificio e os edificadores, ela significará, na sua grandeza, o milagre da energia imortalizadora dos educadores.

E então, pronto o edificio, que será tétó, aconchego e abrigo, e templo da Sabedoria e santuario da Bondade, onde a alma do Mestre dos mestres será só pro transfigurador, anseio que purifica e força que realiza, terão os educadores legado á posteridade um traço profundo e vivo do seu espirito construtor.

Sr. Diretor do Departamento de Educação — coube-vos a graça suprema de bu-

rilar as arestas, de aproximar os espiritos, de afastar os impecilhos nesta obra de congraçamento. O campo, ha muito semeado, necessitava do lavrador tenaz e conhecedor dos misterios da terra, para que florisse a semente, tal como dos corações, ao contacto de um carinho, ao som de uma palavra mais doce, desabrocham os sentimentos puros e as ações generosas, cujas raizes vivem-lhe no amago. Deveis sentir-vos satisfeito e tranquilo com a vossa consciencia. Teremos, em breve, chegando á realização de um dos nossos maiores objetivos que sempre se concentraram na criação da «Casa do Professor», criação que tem, sem dúvida, alguma coisa de divino, na sua revelação humanitaria. Amparar, defender, valorizar aqueles que procuram transformar os males que se alastram em bens opimos na obscuridade, gloriosa de reformadores concientes, é erguer e firmar uma obra que viverá por toda a eternidade. Por isso, os nomes e as vidas daqueles que tanto concorreram para a significativa solenidade de hoje, viverão nas nossas lembranças, servindo-nos de guias aos empreendimentos de estímulo e exemplo ao trabalho!

Salve, os professores do Presente e do Passado, plasmadores, em todos os tempos, do carater nacional. E que sobre os lares modestos ou abastados dos educadores, sobre as cabeças adoráveis de nossos filhos e de nossos nêtos, dos nossos discipulos e dos nossos companheiros de ideais e de lutas; dos nossos chefes, dos nossos amigos e do nosso Brasil, desçam, neste momento, as bençãos de Deus, que não também de iluminar os destinos da União Nacional de Educadores.

Salve, Brasil!

Falou, por fim, a educadora Mercedes Dantas, presidente da Ordem dos Professores e em seguida o Diretor do Departamento.

Foram os seguintes os discursos proferidos pela professora Mercedes Dantas e pelo Dr. Costa Sena:

«Exmo. Sr. Diretor Geral do Departamento de Educação—Meus colegas—Minhas amigas.—Emil Ludwig, nas paginas sensacionais dos seus «Coloquios com Mussolini», transcreveu, como pórtico e advertencia, estas palavras de Wilhelm Meister: «Agir é facil; pensar, difficil; agir se-

gundo o pensamento, torna-se molesto.»

Ele queria com isto sintetizar, explicando, a ação renovadora que encontrára na Italia. Queria justificar a soma prodigiosa de energias que as obras sociais reclamam e exigem, sem cessar, do Homem. E deu, sem o querer talvez, uma preciosa documentação aos que se defrontam com o Destino, corajosos e lucidos.

Agir segundo o pensamento, isto é, os ideais, os planos, e depois a ação firme e tenaz, fiel e absorvente — eis a diretiva publica da Ordem dos Professores.

Ela é, antes de tudo, acima de tudo, a mais bela e pura expressão de um idealismo constante. Sua organização, generosa e amplá, seus objetivos abrangendo todas as atividades do Mestre, todas as suas possibilidades como fator social, a palavra fraterna de união que lançou aos quatro cantos da Patria, sem esmorecer diante da tarefa a que se propunha de inicio—conferiram-lhe, como um glorioso brazão, uma autoridade incontestavel no meio a que vinha servindo, abrindo-lhe, ao mesmo tempo, todos os rumos consagradores do futuro.

Sua historia, desde o antigo D.P.P., são capitulos de orgulho, de fé e de civismo. Foi sempre o mais poderoso instrumento de vigilancia e defesa do professorado carioca, alheio, deliberadamente, ás ambições, aos interesses, ás questões individuais.

Colocou o magisterio—torça coletiva—como unica preocupação, situando-se em todos «os ritmos sociais» que o sacudiram, na atitude conciliatoria, mas firme, entre o professor e a administração escolar.

«A paixão da verdade semelha por vezes, a cachoeira da serra, disse o grande Rui. Mas o que ela contém, e a impéle, é a revolta, não é a colera, não é a destruição, não é a maldade; é o poder do pensamento, a vibração da fé, a energia motriz das almas, esse fluido impalpavel que se transporta nas ondas invisiveis do ambiente, e vai, por outras regiões, arder nos espiritos, fulgurar nas trevas humanas, abalar vontades, agitar individuos e povos, reanimados ao seu contacto.»

Sintese perfeita desse sentido interior da paixão da verdade que sempre, a todos os instantes, inspirou e orientou a Ordem dos Professores.

Sim, jamais a colera, a destruição, a maldade, traíndo-se em suas atitudes. Mas

o pensamento, a fé, a energia, a confiança no milagre da união, na força espiritual do Querer para definir e defender, para agir e colaborar.

Foi essa paixão da verdade, poderosa e inviolavel, que a sustentou nas campanhas abençoadas, que a fortaleceu, sem temor, em meio os dissabores, que lhe deu a convicção profunda, que é quasi fé, de que o professorado marcha para o dia em que dirigirá os seus proprios destinos.

E' essa paixão da verdade que a traz a esta solenidade como uma das fundadoras da União Nacional de Educadores.

Encerramos, hoje, o ultimo capitulo da Ordem dos Professores, como instituição autonoma, e iniciaremos a maior experiencia da vida das associações de nossa classe, no Brasil. Para essa experiencia levamos o nosso passado de serviços preciosos ao magisterio, levamos a tradição de nosso idealismo, a nossa boa vontade, o tirocinio arduamente feito nas lutas reivindicadoras, o estoicismo em frente da incompreensão, a desambição e o devotamento, a energia de nossa mocidade, o amor á classe e á causa da Educação publica.

Levamos a fé que constroi e anima, levamos aquela tempera moral, apanagio da profissão, para os trabalhos em comum. Mas, acima de tudo, levamos para a UNE, como um compromisso de fidelidade, a independencia de atitudes, a liberdade de pensamento, o direito de defender o Mestre em todas as situações em que êle precisar de nós.

Creio no Mestre—é o principio de nosso credo profissional.

Creio nele a quem está reservada a gloriosa tarefa da reconstrução nacional. Creio nele que é o guarda de nossas tradições cristãs, historicas e sociais, do patrimonio moral do povo brasileiro.

E com essa fé em sua missão e em seu trabalho apostolares, entramos para a UNE.

Minhas colegas, eu disse que hoje fechavamos o ultimo capitulo da vida da Ordem dos Professores.

No cenario de nossa existencia publica, a instituição que eu fundei a 9 de Abril de 1936, com o professorado que me acompanha, desaparece como expressão de uma vontade dirigida e independente a vosso serviço.

Talvez algum dia vos conte o que tem

sido, dentro da Ordem dos Professores, no trabalho diario em torno do nosso dever, aquele pequeno grupo que se irmana na diretoria.

Desde 1933, nos tempos gloriosos do D.P.P., que me vejo cercada, constantemente, do afeto que se não desmente, da cooperação lucida e sincera desse bloco amado e raro que me apoia em todos os imperativos do meu cargo. Nem só a amizade, nem só a cooperação, mas a solidariedade infinita que é o sentimento que mais nos aproxima de Deus. Mais ainda, aquele cerrar de fileiras que é simbolicamente a mais preciosa atitude em volta dos que dirigem.

Jamais exemplo igual encontrei algures.

Foi esse punhado de amigas e colaboradoras fieis que tornou sempre possível os nossos triunfos nas campanhas reivindicadoras.

O pensamento era então entre nós, indivisivel, a esperança se abrigava em nossos corações, suave e bôa. Nunca pude dessa maneira arrepende-me de meus atos.

E agora quando, como presidente, me cabe o dever comovido de registrar as derradeiras linhas da historia da Ordem dos Professores, ainda conto com elas para o labor imenso, penoso e fecundo que nos espera na UNE.

Quero, porém, dessa cumiada em que me coloco, dizer-lhes os nomes, como uma homenagem de meu afeto e de minha gratidão para que nesse recinto êles ressoem e fiquem como um exemplo de convicção, de trabalho, de dever e de fidelidade nunca desmentidos: Carlinda Moreira Guimarães, Rita Olga de Vasconcelos Hanow, Violeta Guimarães Arosa, Maria Amelia Nunes da Fonseca, Eugenia Guimarães Réga, Otilia Meireles Giffoni, Custodia Simões, Arabela Valadão Orlandini, Violeta Campos Borda e Maria José Lengruber.

Devo agradecer também, como um preito de justiça, a colaboração desinteressadas e esclarecida dos Departamentos e das diretorias dos Centros criados pela Ordem, especialmente ao ilustre professor Dr. Mucio Cordeiro, presidente do Centro dos Professores Noturnos, antiga e prestigiosa associação de classe, a primeira que se ligou aos nossos destinos numa demonstração admiravel de compreensão e de interpretação dos principios sobre os quais erigimos a nossa instituição.

Neste momento, meus senhores, eu expresso, de coração, os meus melhores votos á UNE.

Se nos reportássemos aos doces tempos em que se chamavam os bons genios e as fadas benfazejas para propiciarem as nossas criações, eu lhes pediria, como uma oferta de minha sinceridade, que lhe assistissem aos destinos, que a defendessem, que a amassem e a servissem corações destemidos, inteligencias claras, puros caracteres, devoções raras como as que eu encontrei na Ordem dos Professores.

E assim sómente aquelas esperanças fortes de que nos fala Manuel Bonfim, preparariam a nova sociedade de professores para no futuro que se lhe entre-mostra, agora, «não desfalecer nas alternativas da ação nem ser colhida, nunca, de surpresa.»

Foi a seguinte a oração do diretor geral do Departamento :

«Acabastes de ouvir, descrita pela palavra autorizada de varios oradores, a trajetoria de uma grande ideia.

A principio simples aspiração precisa, vai se avolumando no tempo, ganhando aos poucos os espiritos, até se fazer realidade.

O intuito de congregar em uma só todas as associações de professores, dando assim mais relevo a seus objetivos e maior significação a seus pronunciamentos, vem de longe e data de muito.

Mas, como toda a grande ideia, teve, para vingar, que esbarrar em obstaculos e superar muitas barreiras, opostas ao impeto de sua marcha.

Não seríamos sequer prudentes e menos ainda capazes de construir, se, ao traçarmos planos, não contássemos com a resistencia á sua execução.

A solenidade de hoje significa que um grande passo está vencido; não nos deteremos em meio do caminho.

Para tanto, precisamos somar, não distrair energias.

Vós, melhor que ninguem, conheceis e proclamais diariamente os prodigios de força bem orientada, ante a qual cedem todos os estorvos, oscilam e aluem todas as dificuldades.

E seria realmente estranho que falhasseis na aplicação dos principios apre-goados, quando tratais de vós mesmos, de vosso interesse, de vosso futuro.

Em boa hora o milagre se operou, e essa communhão de idéias e identidade de sentimentos não só vos honra, como vos prestigia.

Unindo-vos, fortaleceis a vossa classe, e, ao mesmo tempo, ganhais em autoridade, para expôr os problemas, requerer-lhes a solução dos poderes publicos e ficais armados de enorme soma de poder, que, estou certo, sabereis utilizar em proveito da comunidade.

Só assim entrareis realmente na esfera da ação, onde se travam e decidem questões decisivas da nacionalidade.

Ser mestre, hoje, não é apenas ensinar nos livros: é doutrinar agindo, é exercer influencia publica, docencia civica, magisterio pratico, ensino em marcha.

Para desenvolvimento desse amplo programa, precisais de uma séde digna de vossa tarefa social, de numero crescente de membros do professorado e da vossa indiscutivel benemerencia.

E' a—Casa do Professor—instituição que ha muito já devia ter sido criada, para abrigar em seu seio uma classe merecedora de todas as deferencias, capaz de todas as renuncias, no sacrificio voluntarios de sua abnegação.

Penso de longa data em ve-la erguida, para vosso conforto e vossa dignidade.

E mal o destino me pôs nas mãos maior parcela de poder, dele me servi para levar a efeito o grande tentame.

Ai tendes o resultado expresso na unanimidade de vozes que aqui se ouviram, num concerto esplendido.

Para isso, foi preciso desaparecerem instituições cheias de serviços á cultura e ao ensino, com passados brilhantes de lutas e vitorias.

Assumi—confesso—responsabilidade desproporcionada e de graves riscos.

Mas não me intimida a grandiosidade da tarefa. Vejo por toda a parte material disperso e mal desbastado, mas é a dispersão na harmonia, a dispersão que precede os grandes feitos, nuncia do progresso.

Movido pelo poder miraculoso de vossa energia, todo esse material se ordenará com simetrica beleza, num monumento de grandes linhas puras.

Senhores professores!

Lendo, ha tempos um livro cheio de ensinamentos preciosos — *A vida do Di-*

reito, de Jean Cruet, ficou-me perdida a vista num lance de rara beleza.

Conta êle que um monge teve na idade média, uma visão singular.

Em vasta área, montes e montes de pedras jaziam confundidos e esparsos. Eram de fórmula irregular, cheias de arestas, sem utilidade aparente.

Subito, êle as viu, movidas por força invisivel, rolaem sem ordem ao acaso.

Mas o acaso inteligente e prodigioso as ajustava e unia e as pedras informes se transformavam em ogivas, em colunatas, em capiteis.

O edificio aos poucos subia e avultava, e do caos surgia a harmonia complexa e atormentada de uma catedral gotica.

Tambem eu me deixei empolgar por sonho identico.

Fiz dele um voto e, para cumpri-lo, empenho todo o meu esforço, comprometo toda a minha diligencia.

Fio da força prodigiosa, proveniente de vossa união, para construir o grande templo.

E êle se erguerá, imponente.

E ao ver um dia esplendor ao sol o edificio, que erigir convosco, hei de me envaidecer por ter levado um pouco de argamassa á vossa obra ingente e de ter sido um artifice fortuito de vossa grandeza.

Educação Moral e Cívica

A Lei Moral

A consciencia manifesta-nos, pois, o dever, ou a lei moral, que nos impelle a proceder desta maneira ou daquella.

O homem é, ou pelo menos pensa que é um ser livre. Quererá, porém, isto dizer que pode fazer sempre o que lhe apraz, o que exige seu desejo, seu prazer ou seu capricho? Que não esteja preso a coisa alguma, que possa usar de sua liberdade como entenda, sem considerar nada mais do que seu proprio arbitrio?

O homem está só, certo de que ninguem o vê, ninguem tem noticia de sua presença no

logar. Pode lançar mão de uma riqueza, com que se tornará opulento e poderoso, pode destruir um documento que o obriga; pode preparar contra outrem a morte, o prejuizo material; pode enviar a carta anonyma que moleste a honra ou perturbe a tranquillidade de outrem.

Pode. Pode fazê-lo materialmente. Um movimento e estará feito o damno. Quem o impedirá? Entretanto, via de regra, o homem não o faz. Porque? Porque moralmente não o pode fazer. Alguma coisa o impede. Ha uma resistencia, um laço, uma prisão. Si quizer obstinadamente executar aquellas coisas, terá de lutar, de vencer essa resistencia, que é toda espiritual mas prende mais do que cadeias de ferro.

Si fôr violento consigo mesmo, si quebrar essa cadeia espiritual, si vencer essa resistencia e fizer aquillo que sabe muito bem que é o mal e não deve ser feito; elle experimentará em si proprio uma dôr, um descontentamento, uma agonia.

Essa dôr e o remorso, a accusação perenne por ter violado uma regra, uma lei, uma imposição da consciencia, uma obrigação, um dever.

Em quantas outras circumstancias o mesmo facto se repetirá! Estou tranquillo em meu lar. Rico e feliz, desfructo os prazeres da vida. Mas sei de repente que meu pai ou minha mãe, longe, caem doentes, estão mal, necessitam de mim; meu irmão está ameaçado de um perigo; meu amigo está em necessidade.

Que farei então? Encolherei os ombros procurarei esquecer, pensarei que meus pais estão muito longe e que é penosa a viagem; que meu irmão e meu amigo acharão quem os socorra, e que é muito desagradavel desistir de meu ócio, de meu conforto, de minha tranquillidade?

Certo que não. A custa de todos os sacrificios voarei para junto de meus pais, buscarei meu irmão ou meu amigo, compartilharé suas amofinações e procurarei minorar-lhes o soffrimento.

Eu era livre de deixar que tudo corresse por si, sem incommodo meu. Porque não o faço? Porque em verdade não sou livre. Sou escravo de uma lei, a lei moral ou o dever, e tenho de obedecer-lhe.

A latinha de merenda

Quando, lá fóra, a sineta soou para o recreio, o Zequinha chamou-me em segredo, propondo-me:

— Assim que o Custodio estiver merendando, vamos por detraz surpreendel-o. Já falei á Conceição, ao Dedé, ao Pereréca. Nós cinco.

— Para que?

— Para uma coisa.

Quando o Zequinha fazia daquellas propostas ninguém estranhava.

O pequeno era um demonio. Raro o dia não armava uma partida a um companheiro, Escondia o sapato ou a chinella de um; amarrava a perna de outro na perna da mesa; pregava os vestidos das meninas uns nos outros, com alfinetes; substituia por agua a tinta de escrever.

Não havia diabinho peor: Provocava sustos, substituia, na merenda alheia, pedaços de doces por pedaços de madeira, por pedras ou cascas de bananas.

Era no recreio que a menina merendava.

Mal ia acabando de tocar a sineta, saíamos correndo para o quintal, com o embrulho ou a latinha de comida que havíamos trazido de casa.

A área do recreio devia ter mais de cem metros de comprido, quasi toda plantada de sapotiseiras com grandes copas e grandes sombras;

Espalhava-nos sob os galhos, em liberdade, a comer e a brincar. Eu tinha a minha sapotiseira predilecta. Merendavam debaixo della uns quinze ou vinte alumnos, entre meninos e meninas.

A Carolina chefiava a turma.

A Carolina tinha um ar de mãe da gente; na voz, nas maneiras, nas expressões, sentia-se que havia nascido para cuidar de criancinhas. Até no ralar parecia uma senhora. Quando qualquer de nós se excedia em traquinada, ella, com os modos de uma avósinha, dizia:

— Que é isso, Fulano? Tenha termo de menino.

A sua caixa de livros parecia a gaveta ou o balaio de uma velha.

Se alguém queria uma agulha, havia a agulha; se se precisava de um botão, havia o botão; si se pedia um pedaço de barbante, até pedaço de barbante lá se encontrava.

Sentíamos prazer em obedecel-a. Como que achavamos graça na autoridade que ella nos impunha.

O brigão da turma era o Basilio. Não sabia contar senão proêsas e, á menor brincadeira, tomava ares de valentão, espancando os collegas pequeninos.

O Bicho de Côco, claro, gordo, redondinho, vivia cochilando pelos cantos.

O Pereréca, amarello e entanguido, ia até

aos mures, quando o chamavam pelo apellido. Nicoláo! baptisara-se por Nicoláo!

Não havia no grupo ninguem mais engraçado do que o Fala Molle.

Era um menino, moreno, forte, de voz preguiçosa e cantada. No primeiro momento parecia um mollengão; tinha, no emtanto, uma vivacidade surpreendente de intelligencia.

Ridicularizava as coisas com uma graça e um geito que nos fazia rêbentar em gargalhadas. Foi elle quem, pela primeira vez, chamou o Nicoláo de *Pereréca*, o Eloy de *Bicho de Côco*.

O egoismo do Sinhozinho soffria na sua bocca.

— Fiquem sabendo, dizia com a sua voz pachorrenta e molle, fiquem sabendo que o coração mais duro desta villa é o do Sinhozinho. Já viram vocês o carneiro de sella que elle ganhou? Uma tentação. Branquinho como espuma, todo arreiado como um cavallinho. E' da gente ficar de agua na bocca. Todos os dias, á tarde, eu vou namorar o carneiro. Chego, adulo o Sinhozinho, digo que elle é rico, que é o menino mais estudioso aqui da escola, o mais intelligente, e mais isto, e mais aquillo. Pensam vocês que elle já me deixou montar no carneiro?! Oh, bichinho sem coração!

Da turma da minha sapotiseira, o mais pobre devia ser o Custodio. Mas era, com certeza, o mais altivo.

Ás vezes ia descalço á escola. Tinha, porém, um ar de tanta distincção que a gente se esquecia de que elle estava sem sapatos.

Na sua casa, ao que se murmurava, nem sempre havia o que comer. Mas, quem o visse com aquella altivez de principe, julgava-o o menino mais feliz e mais farto do mundo.

Não pedia uma laranja, uma banana, um pedaço de bôlo a collega nenhum. E só aceitava o que lhe offereciam, quando ficava feio recusar.

Em certos dias, comia alli junto de nós, offerecendo-nos generosamente o que havia na sua latinha. Em outros afastava-se para merendar junto de uma toija de jasmims a alguns passos da sapotiseira.

— Porque é que o Custodio, ás vezes, vae comer longe de nós? perguntou um dia o Dedé.

A Conceição explicou:

— Porque traz de casa coisa gostosa e não quer repartir connosco.

— Hum! Não é! disse o Zequinha. Alli ha mysterio e eu hei de descobrir.

Naquelle dia tivemos explicação do caso. Quando o Custodio, com a latinha da merenda, se afastou para os jasmineiros, o Zequinha fez-nos um signal. Fomos por traz da toija, na ponta dos pés.

O Custodio mettia a colher na lata e levava-a gostosamente á bocca, como se estivesse a saborear um bom petisco.

Eu e o Dedé de um lado, o Zequinha, a

Conceição e o *Pereréca* de outro, caímos-lhe em cima, de surpresa.

O Zequinha arrebatou-lhe a latinha das mãos.

Oh! surpresa! Ficamos todos acanhados, tristes por aquella descoberta. Na lata não havia nada, nada, nenhum vestigio de comida.

O Custodio tinha-a trazido vasia de casa, e, para que não soubessemos das duras necessidades de seus paes, fôra para perto dos jasmineiros fingir que comia.

Viriato Corrêa.

(Do livro «Cazuzza», a sair brevemente).

Lingua Materna

EXPLICAÇÃO

Queixa-se o sr. Antenor de Nascentes de que minha linguagem, com relação a seu Dicionário, é muito rude, despolida, quiçá insultuosa.

Com pesar meu, nunca fui homem delicado, e, quando acho ruim certo escrito, não logro mascarar meu pensamento e o enuncio com tôda a franqueza. Sou incapaz de ter má impressão de um trabalho e, para ser agradável ao autor, dizer-lhe que o tive na conta de bom.

Não me praz o ser excessivamente franco e áspero. Mas se me dessem a escolher entre o ser rude e incisivo, como o sou, e ser elogiador, muita vez insincero, não vacitaria um momento e ficaria discoloro.

Consolo-me de não ser polido com ter a consciencia de que sou sincero e que sempre me mostro como o sou. Além disso, não faço referências más a ausentes, como não faço críticas clandestinas. Na roda que frequento não há mordazes, nem deslinguados.

Sem ambages, aponte copioso número de erros no Dicionário do Sr. Nascentes. Não sinto, porém, que tenha insultado o autor ou que lhe tenha dirigido chufas, remoques, e penso que não o debiquei.

Há pouco, conversando com um collega do etimológico patricio disse-lhe que não tinha consciencia de ter apodado o Sr. Veras Nascentes ou que, pelo menos, isso nunca foi minha intenção. Tive em mira mostrar a meus leitores qual o lugar que supponho deva ser ocupado pelo pro-

fessor do Colégio de Pedro, velho gramático, distraido copiador de trabalhos alheios...

O Sr. Nascentes é que, por seu proposto, foi áspero comigo. Em sua defesa, publicada no *Jornal-do-Comércio* de 14—2—37, num lugar em que, por descuido, supôs que eu tivesse errado, chamou a texto meu, irónicamente ou de maneira escarnecedora, «lição admirável». Noutro passo, ou noutros passos, diz que argumento de má fé.

Convidado o paladim a citar frase minha, de linguagem insolente, ou chasqueadora, apresentou esta: «O Dicionário do Sr. Nascentes é um amontoado de notas para futuro estudo que não foi feito». Em qualquer dos três livros que publiquei a respeito do Dicionário — *Lingua Materna*, *Estudinhos*, 1ª. e 2ª. séries, vê-se a demonstração do que afirmei. Se for de mistér maior número de provas citarei estas, para as quais foi minha atenção solicitada por eminente homem de letras e filólogo no bom sentido do termo.

Abra-se o Dicionário e veja-se o que elle contém a respeito de balofo: «Balofo — V. RL., IX, 310» E nada mais. Será possível se tome isso como etimologia?

Veja-se o que diz o Dicionário, que é exclusivamente etimológico, do termo manga-de-veludo: «Mangas-de-veludo — Ave marítima que tem as asas pretas e o resto do corpo branco. (Dalgado)».

Que há de etimologia nesse verbete? Não é, evidentemente, nota para futuro estudo?

Em vez de *ave marítima*, como copiou o Sr. Nascentes, havia de ser *aves marítimas*, visto que escreveu *mangas de veludo*.

No *Glossário*, de Dalgado, vê-se este trecho: «...o pássaro chamado manga-de-veludo...»

Mais um exemplo para terminar, por agora.

Suponhamos tenha alguém visto, no Dicionário de Figueiredo, a palavra *nório* e dela queira saber a etimologia. Abre o Dicionário do Sr. Nascentes e na página n. 554, 2ª. columna, dá com isto: «Nório —.» Será grosseria, ou remoque, dizer-se que isso apenas é nota para futuro estudo?

Aparece o termo *nório* em outros dicionários, como o da lingua francesa de Littré, os portuguezes de A. Coelho, de

Santos Valente-Aulete, etc... Figueiredo registra *norina*, como *óxido de nório*, o que também está em outros dicionários.

Os livros de Química que estou acostumado a ler não falam em o *nório*. Mas em os «Anais de Química e Farmácia» (Annalen der Chemie und Pharmacie...) de 1845, vol. LVI, pág. n. 223 e seguintes, há longo artigo de onde se retiraram algumas noções relativas ao *Nório*, hoje desaparecido.

Svanberg, em memória apresentada, em 1845, à Academia de Estocolmo, narrou seus estudos a respeito do *zircônio*, metal descoberto em 1824. Acreditou Svanberg que não fôsse o zircônio substância simples e sim misto de três substâncias—zircônio, sem qualificativo, zircônio norueguês e jargônio.

Ao zircônio norueguês, tendo conta que a Noruega em outros tempos se chamou *Nore*, deu o nome de *norium* ou *nó-*

rio. Mas estudos posteriores não confirmaram os de Svanberg e nório e jargônio não figuram entre as substâncias existentes. Também não existe substância chamada *múrio* e, em certa quadra, foi o cloro tido como óxido de múrio e o radical da palavra ainda aparece na expressão *ácido muriático*.

Existe o *norito*, rocha da família dos gabros, na qual é o piroxênio ortorrômbico, de nome também ligado à raiz da palavra Noruega.

O mineralogista Dana chamou *norlito* a um anfibólio preto, que contém alumínio e ferro, e tirou o nome de *Nora*, cidade sueca e *Litos*, pedra.

Creio que o menos que pode dizer-se dos verbetes do Sr. Nascentes é que são «notas para futuro estudo», que o autor não fez.

PEDRO A. PINTO.

As Republicas Juvenis e o problema da educação dos menores abandonados e delinquentes na Suíça

Leon Renault, expressão brilhante do magisterio de Minas Geraes, o organisador do Instituto João Pinheiro, percorreu varios paizes da Europa em comissão do governo mineiro, e dessa viagem de estudos, nos dá interessantes impressões. O problema de educação dos menores abandonados e delinquentes é assunto de uma série de artigos que vem publicando, e abaixo transcrevemos, com a devida venia, um desses, em que trata das Republicas Juvenis.

Ao lado dos metodos puros de *self-government*, existem combinações e modificações. Em algumas escolas a auto-expressão dos alunos é só ocasional ou fragmentária, isto é, eles intervêm somente nos assuntos que, diretamente, lhes dizem respeito, mas nunca nos referentes ao regime total da escola.

Como, geralmente, o primeiro lar *hospitaleiro* que encontra a criança sem pai, sem mãe, é o xadrez da policia, onde recebe os primeiros ensinamentos para a matricula na escola do crime, a Suíça ensaminhou a solução do problema do socorro á criança abandonada, de preferência, para a sua colocação no seio de familia digna e honesta onde recebe conveniente educação.

Neste particular, seguiu o voto de varios congressos internacionais, que concluíram reconhecendo:

- 1.º) — E' preciso dar á criança, privada de seus pais, uma familia de adoção;
- 2.º) — Os campos são mais aconselháveis

para a instalação de escolas destinadas aos menores abandonados e delinquentes.

De modo que a Suíça preferiu este regime, entregando os menores a familias de agricultores, pois a vida do campo, quer sobre o ponto de vista fisico, quer sobre o ponto de vista moral, produz melhores resultados que a permanencia nas cidades, onde são maiores as seduções, a vida menos tranquila e moral.

No livro — *A ciência penitenciária no Congresso, de Stokolmo*, — Deportes e Lefebure preconizam também este regime para a França acrescentando que o *ideal seria encontrar familias inteligentes, oferecendo todas as garantias e dispostas a se encarregarem da educação das crianças viciosas e abandonadas*.

Nesse Congresso, não houve um só orador que deixasse de manifestar a sua preferência pela vida em familia.

Entre nós, falta tentar esta modalidade que, sobre ser econômica, estou bem certo, poderia dar resultados satisfatórios.

Quando se compulsa a legislação, a literatura e o voto de varios congressos, referentes ao assunto, ou se trate do regime puramente familiar, ou do regime do *self-government*, ou do mixto, o que se verifica é que a caserna está francamente condenada e vai, aos poucos, sendo abolida dos corpos collegiais.

Em qualquer hipotese, o que é fóra de contestação, também, é que não adianta nada, se o regime da escola não fór de prevenção, de doçura, de amenidade, em que os mestres procurem viver uma vida de comunhão de idéias, de sentimento, de trabalho com os alunos, tendo o exemplo como o melhor fator educativo.

Lanbruschini afirma energicamente a necessidade que tem o educador *di accostarsi agli allumi, di divenire il loro confidente, il loro amico, de persuaderli che nessuno più di lui volentieri gli ascolta, nessuno é più disposto a compiacerli ove ei possa, nessuno più dolente di non poterli ognor contentare, nessuno più incapace di mancar verso loro di giustizia, o di dovuti riguardi o di benignità*.

Nestas sabias palavras se acha delineado, manifestamente, o retrato do educador, tal como deve proceder em face do aluno. E acrescenta Lanbruschini: — «Voul andare contro le tendenze più forti della natura umana e ignora que veleggiare contro vento si può, ma bisogna bordeggiare cioè sapersi servire dello stesso vento contrario procedendo non in linea retta, ma in linea spezzata.»

Sem duvida, o sistema preventivo apresenta maiores dificuldades na prática. Da parte dos alunos, mais fácil, mais satisfatórios, mais vantajoso; da parte dos educadores, são grandes as dificuldades, que poderão, entretanto, ser atenuadas, si se entregarem de corpo e alma á sua tarefa.

O educador é um individuo que deve se consagrar á sorte e ao bem dos seus alunos; deve estar sempre pronto a afrontar todas as fadigas, todos os disturbios, para atingir o fim, que é a educação civil, moral, científica e profissional dos seus alunos.

O sistema preventivo torna os alunos amigos dos mestres e dos vigilantes; vêm nesses funcionários bemfeitores que os avisam, que os aconselham, que lhes desejam o bem, que procura liberta-los dos castigos e da deshonra.

No repressivo, os alunos encaram os funcionários mais como policiaes-algozes. Como a sua prática não se conquistam amizades; alienam-se simpatias; não se melhoram os delinquentes.

A propósito de uma entrevista do sr. dr. Saboia Lima, ilustrado Juiz de Menores da Capital Federal, por mim contestada, em anterior edição desta folha, e na qual afirmava que a criação de *casas-lares* para grupos de alunos, que ficam sob a guarda de casal idoneo, habituando-os á vida em familia, é o regime ideal que, na América do Sul, só a Republica Argentina adota e o Estado de São Paulo ensaia a sua prática, recebi dêsse illustre magistrado a seguinte carta:

«Juizo de Menores do Distrito Federal.
Exmo. sr. dr. Léon Renault.

Saudações cordiais.

Tive grande satisfação patriótica em ler no «Minas Gerais», de 6 do corrente, a sua contradita ás minhas declarações que no Brasil não existia o regime de familia no problema da assistência á infancia abandonada.

Folgo em saber que no Instituto «João Pinheiro» é adotado este regime. Lamento que nas minhas viagens a Belo Horizonte, não tenha visitado o modelar estabelecimento.

Num trabalho que vou escrever para o «Jornal do Comércio», terei o prazer de acolher e transcrever as suas palavras.

Foi em Minas que iniciei a minha vida de magistrado e assim é para mim muito grato que nesta grande terra tenha sido iniciado o regime familiar.

Com os cumprimentos do colega e amigo admirador.

(a) A. Saboia Lima.»

TRES PALAVRINHAS

Laurea — A palavra latina *laurea* (pron. *láu-rea*), a coroa de louros, deu em nossa lingua *láurea*, que quer dizer prêmio, ou distinção. A pronuncia geral é a que acabo de indicar; entretanto, diz-me um prezado amigo que ouviu alguem dizer *lauréa*. Trata-se, com toda probabilidade, de confusão com *laurél*, que tem a mesma significação. Não ha duvida alguma: *láurea* e *laurél*.

Immiscuir-se. Verbo usadissimo, pelo menos no Brasil, tem direito de entrar no dicionario, ainda que anotado como proprio de nosso paiz. Porque em verdade não é abonado pelas autoridades antigas. Os dicionarios não o consignam, salvo o de Simões da Fonseca — João Ribeiro, que diz: «deploravel invenção, á semelhança do francez, *immiscer*».

Deploravel invenção, nada menos!

O P. Teschauer consignou-o em seu vocabulario de brasileirismos.

E' voz util, necessaria, popular e de estirpe legitima, ainda que mal derivada, pois deveria ser *immiscer* ou *immiscir*. Foi, provavelmente inventada por alguem que tinha bem presente o perfeito latino do verbo *immiscére*, que era *immiscui*. Tanto vale dizer que deve ser admittido na honrada familia de nosso vocabulario, pois é preciso não esquecer que o povo, não os grammaticos, é quem faz e altera a linguagem.

Textil — Este adjectivo é paroxytono (*téxtil*), não pode haver hesitação a respeito. Figueiredo indica *téxtil*, o que seria justo, mas ninguem diz no Brasil. A pronuncia mais corrente entre as pessoas instruidas é *téxtil*. O plural é *téxteis*, e não *testis*: *fibras téxteis, industrias téxteis*, devendo considerar-se errado *fibras textis, industrias textis*.

Algumas pessoas menos cultas pronun-

ciam *textil*, plural *textis*, mas isso deve ser evitado, como já hoje quasi ninguem diz *reptil*, *reptis*, em vez do certo, que é *réptil*, *répteis*.

Mestre-Escola

Correspondencia de Tres Palavrinhas

A. V. D. — Não, o livro *Textos para Corrigir* do prof. Othelo Reis não tem «chave», ou «livro do mestre». O autor, apesar de solicitado, sempre se recusou a publicar a colleção das phrases emendadas, por achar que assim perderia seu livrinho grande parte do valor que lhe attribuem os professores, pois aos discipulos facillimo seria copiar as corrigendas, sem o esforço de achá-las. Posso assegurar-lhe que o autor não a publicará, nem dará autorização para que outrem o faça.

M. E.

O Seculo da Criança

O livro que acaba de publicar o sr. Oscar Clark constitue eloquente atestado da sua capacidade intelectual. E', ademais, um livro de entusiasmo, por cujas paginas vibra intenso o sentimento do patriotismo.

O sr. Oscar Clark deixa-se empolgar pelas proprias idéas, que desenvolve e defende com o calor de transbordante paixão. E' um livro o seu de construção social, com cuja leitura parece que maior se torna a nossa vontade de ação e menos ruím se nos depara a perspectiva do dia de amanhã.

A segurança com que nos diz o autor das vantagens que lograram outros países com a adopção das idéas que sustenta, de pronto nos conquista a simpatia para a sua causa e acaba por nos conquistar a propria confiança.

E' certo que desempenham os hospitais uma função primordial no desenvolvimento das nações. Só por meio duma politica hospitalar é que conseguiremos resguardar das doenças ou arrancar das garras da morte centenas de criaturas, cuja existencia sadia constitue a maior riqueza das nacionalidades. Ha nos Estados Unidos nada menos de 7.000 hospi-

tais, que são centros de tratamento e de educação sanitaria. A's escolas ao ar livre reserva *O Seculo da Criança* algumas paginas sugestivas, em que se encarece o valor higienico de tal pratica e, ao mesmo tempo, se condena a construção de predios no valor de milhares de contos, sem a menor ventilação nas classes, o que acarreta grave dano à saude dos alunos, tanto mais de lamentar, quanto se sabe a percentagem alarmante de vitimas que ceifa entre nós a tuberculose.

Mas sendo a escola, como é incontestavelmente, um meio de propagação facil de doenças, aqui ainda se procurou agravar o mal, contra aliás todos os preceitos da higiene e do simples bom senso: dotavam-se as escolas de mesinhas, em torno das quais se agrupam as crianças. Contra isso se insurge muito justamente o sr. Oscar Clark: «perigosa é a praxe de colocar alunos, frente a frente, a menos de meio metro de distancia, em salas mal ventiladas, isto é, em condições ideais de transmissão de doenças infecciosas. *Todas as infecções proprias da idade infantil são disseminadas fisicamente, mecanicamente, pelo espirro ou pela tosse e não pode haver nada mais criminoso do que fazer sentar 2 crianças frente a frente, em torno de mesinhas de 0,39 de largura.*

A merenda escolar é objeto de um dos capitulos do *Seculo da Criança*. Felismente alguma cousa existe entre nós a esse respeito, graças ao esforço das proprias professoras, como de senhoras abastadas e de socios do Rotary Clube, que têm ultimamente contribuido para essa obra de caridade e de patriotismo. Crianças desnutridas por deficiencia ou carencia de alimentação, existem aos centos em nossas escolas, crianças que definham progressivamente e constituem peso morto nas classes. Não aprendem e, além disso, usurpam dos capazes posições que a eles deviam pertencer. Tal fato nos induziria a tratar da conveniencia da instalação de classes para anormais, assunto, esse sim, ainda inteiramente descurado, entre nós e, entretanto, dos de mais urgencia e mais imperiosa necessidade. Isso, porém, não viria agora a proposito. O caso dos anormais interessa tambem grandemente à Pedagogia. Adstrinjamo-nos às questões de pura higiene. O sr. Oscar Clark é um entusiasta convicto da higiene escolar, de cuja boa applicação depende ao

seu parecer o futuro da propria nacionalidade, desde que se lhe confira um raio de acção mais amplo, tal qual em países mais adiantados: clinicas escolares, centros de saúde, escolas-hospitais, etc.

Tudo, porém, depende da boa vontade dos homens. O Brasil ai está, numa pletora estonteante de seiva, ávido de progresso, mas acorrentado pelo preconceito e pela inercia.

«Temos lindas praias, mas até hoje não as aproveitamos. Temos belas florestas, montanhas e ilhas, mas não as aproveitamos.»

Mas nem sempre será assim. Dia virá em que veremos com ufania lindas crianças rosadas a correrem pelas praias; crianças se fortificando em lindas escolas-hospitais plantadas no coração da floresta, a entoarem os mais lindos canticos á grandeza do Brasil...

O sr. Oscar Clark terá então a gloria de ter sido o pioneiro dessa cruzada.

FRANCISCO PRISCO

Centro de Professores Francisco Vianna da 8.ª circunscrição de B. Elementar --- uma expressiva homenagem ao patrono dessa instituição

Com a presença das altas autoridades do ensino realizou-se na Escola Sarmiento, séde do Centro de Professores Francisco Vianna, da 8ª Circunscrição de Ensino Elementar, uma expressiva homenagem ao patrono dessa instituição, o saudoso professor Francisco Furtado Mendes Vianna.

Inaugurando o retrato do illustre educador, a professora Leonor Posada, brilhante ornamento do nosso magisterio, pronunciou a seguinte oração, agradecendo em nome da familia do homenageado o professor Euclides Mendes Vianna:

«Ha muito li, não sei de qual autor e não sei onde, uma lenda interessantissima:

Cheios de dor e de magua, vencidos

pela vida crúa e ingrata, iam homens e mulheres em demanda do rio Lethes.

Que caravana sofredora, essa.

Ah! beber da linfa transparente do rio consolador e o olvido descer-lhes nalma para sempre...

Ah! sonhavam êles, a delicia suprema do esquecimento...

E a multidão dolorosa passava, passava...

Ninguém queria lembrar os desgostos vividos... Ninguém queria que a recordação das maguas sofridas viesse de quando em vez, queimar as chagas abertas no coração...

E passavam, passavam...

Mas, para atingir ao rio maravilhoso tinha a turba de atravessar uma densa floresta, onde um Mago, um exquisito feiticeiro, convidava as creaturas a demorar um momento, prometendo-lhes, em paga, um talisman sagrado.

Poucos, porém, aceitavam o convite do Mago.

Pensamento em lava, na ânsia do olvido, no desejo aflitivo de terminar a tortura, que os cruciava, não o ouviam, antes apressavam os passos, já pesados; antes fuzilavam no olhar amortecido o relampago da desconfiança.

Elá iam em busca do Lethes consolador...

Entanto os que ouviam a palavra miraculosa do feiticeiro, ao envês de continuarem a jornada, voltavam consolados e, com o talisman apertado ao peito, traziam um compromisso sublimado.....

Não tivéssemos nós atravessado em dois anos essa floresta ensombrada; não tivéssemos nós recebido do Mago—o tempo—o talisman da saudade — hoje não estaríamos aqui reunidos, num preito carinhoso, á memoria querida de Francisco Viana.

E que poder maravilhoso, o desse talisman!

Em lugar do desespero sem nome e de lagrimas estereis, a fé construtiva de um culto; em lugar da revolta que o seu desaparecimento causou, o desejo ardente de vivê-lo no coração de todos...

A saudade, o talisman bemdito do tempo fez da memoria de Francisco Vianna, o elicario do nosso afêto e da nossa

gratidão; fez da nossa máguia uma fé sincera e inquebrantável.

Coube-me, mal ainda poucos dias marcavam a sua morte, falar de Francisco Viana, com quem, por felicidade minha, eu trabalhava há bastante tempo.

Só Deus sabe como desempenhei essa dolorosa missão...

Cabe-me, agora, a honra de, na solenidade de hoje, evoca-lo e é com orgulhosa saudade que o faço.

A lembrança de Francisco Viana é para mim uma lembrança sagrada.

Quatro palavras me bastaram para sintetizar a vida de Francisco Viana: Proibidade—Trabalho — Proficiência e Amizade.

O Centro de Professores Francisco Viana, inaugurando o retrato de seu patrono, não cumpre apenas um dever; edifica, na homenagem de agora, o culto á proibidade, ao trabalho, á proficiência e ao afeto, valores esses que foram o escudo daquela alma nobilíssima.

Inaugurar um retrato... Ter sempre uma efigie amiga como a proteger-nos...

Bemditos os que podem concretizar a sua máguia, sublimando-a! Bemditos os religiosos, os catolicos, que plasmaram os seus santos em imagens radiosas!

Nos seus momentos de alegria, nas suas horas de anseio e de duvida, nos seus instantes de pezar acabrunhador, voltam os olhos para os altares e a confiança e o balsamo da fé lhes descem ás almas sofregas...

O retrato de Francisco Viana, aqui neste recinto, será como um nune protetor, pois para todos os momentos de cada um de nós ele aí estará aplaudindo-nos, encorajando-nos, corrigindo-nos!

Mestre querido. Que vos direi, quan-

do luz que sois, podeis descer-me nalma e ler a emoção que me vence?

Vosso retrato aqui é a confirmação brilhante do aforismo de Comte: os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos.

Sede para nós a mão querida que nos abençoará nos dias de gloria; o coração solícito que nos amparará nos instantes de tibieza; o espirito rútilo que será nossa inspiração nas horas de trabalho... Vivei conosco! O talisman sagrado realiza o doce milagre de recordar-vos sempre!

O tempo, infinito para vós, é pequeno demais para a nossa saudade, porque, sereis lembrado, em saudade, na Terra pois deixaste na Terra um nome que é uma luz...

Francisco Viana, vosso lugar está marcado nesta escola: junto de nós, que jamais esmoreceremos no culto ao vosso nome venerado; junto dos pequeninos para quem o vosso nome será uma luz que lhes iluminará a existencia!

BRASIL ESCRAVOCRATA

da professora

Aurea Xavier

Nota — No trabalho do titulo acima, publicado em nosso numero anterior, houve uma transposição de colunas, por ocasião da paginação. Assim, chamamos a atenção dos leitores, para o seguinte:

Depois de «Estudos Sociaes», pag. 21, em seguimento ás palavras «do chicote do feitor», devia estar o trecho de «Ciencias Naturaes». que se acha na pagina 23.

Á pag. 22, em continuação ás palavras «de bilro pelas mucamas», devia estar a «Bibliographia auxiliar», que ficou na pag. 23. E, após a bibliographia, a «Adaptação ao programa de linguagem». 4.º e 5.º anos.

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRARIL SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Sede Social: AVENIDA RIO BRANCO, 125
RIO DE JANEIRO

Relação das Apolices Sorteadas em Dinheiros em Vida do Segurado
124.º Sorteio — 15 de Julho de 1937

207.597	— Serafim Barbosa de Medeiros	... Pão de Assucar — Alagoas
281.926	— Ruy Barreto	... Manaus—Amazonas
281.383	— João Henrique Milward de Azevedo	... Itaguassú—Esp. Santo
195.165	— Pedro de Alcantara B. de Oliveira	... Guarajarú-Mirim—Matto Grosso
80.774	— José Dantas Braga	... Cajazeiras—P. do Norte
1.º—211.976	— Francisco José Pereira	... Propriá—Sergipe
2.º—173.661	— Francisco Paes de Carvalho Junior	... S. Gonçalo—E. do Rio
89.742	— Francisco Olegario de Vasc. Galvão	... Recife—Pernambuco
231.753	— Julio Vianna Dantas	... S. Salvador—Bahia
179.589	— Alipio Valverde Martins	... Alagoinhas—Idem
231.982	— José Neves da Silva	... S. Luiz—Maranhão
229.302	— Antonio Gregorio Ribeiro	... Idem — Idem
188.773	— Manoel José de Sant'Anna	... Nova York—Maranhão
283.185	— Acalberto de Moura Santos	... Picos—Piahy
243.968	— Joaquim José do Valle	... Parnahyba—Idem
281.835	— João Nolito de Souza	... Florianio—Idem
210.111	— Deoclecio Lima Verde	... Iguatú—Ceará
3.º—170.627	— Raul Cabral	... Fortaleza—Idem
4.º—237.163	— João Augusto Bezerra	... Maranguape—Idem
244.233	— Zacarias Sabino Pessoa	... S. Benedicto—Idem
282.574	— David Leventhal	... Capital Federal
5.º—129.415	— William Thomas Ernest A. Gregory	... Idem
132.845	— Francisco Chisaffitelli	... Idem
6.º—126.605	— Edmundo de Miranda Jordão	... Idem
7.º—179.372	— Miguel Rauldo Pascimento Feitoza	... Idem
113.250	— Karl Gerhard Mathias	... Idem
170.836	— José Soares de Almeida	... São Paulo—São Paulo
8.º—159.557	— Benedicto Orlando Martins	... Idem—Idem
9.º—150.102	— Vital Behor Sion	... Santos—Idem
200.517	— José França Rangel	... Guaratinguetá—Idem
10.º—283.127	— Moise David Hazan	... Santos—Idem
129.806	— Joaquim Ferreira de Aguiar	... São Paulo—Idem
207.738	— Affonso de Assis Almeida	... Curvello—Minas Geraes
185.763	— Americo René Giannetti	... Bello Horizonte—Idem
11.º—208.217	— José Augusto da Silva	... S. João d'El-Rey—Idem
226.410	— Benjamim Pereira Baeta	... Carandahy—Idem
197.674	— Rubens Gonçalves de Souza	... Bello Horizonte—Idem
212.600	— Oscar Rodrigues d'Aquino	... Januaria—Idem
216.440	— Edmundo Odebrecht	... Ipanema — Idem

1º) — O Sr. Francisco José Pereira já teve a apolice n. 88.970 sorteada em 16-1-1933;

2º) — O Sr. Francisco Paes de Carvalho Junior já teve a mesma apolice acima sorteada em 15-10-1931;

3º) — O Sr. Raul Cabral já teve a sua apolice n. 51.655 sorteada em 16-1-1911;

4º) — O Sr. João Augusto Bezerra já teve a apolice n. 88.370 sorteada em 15-7-1916;

5º) — O Sr. William Thomas Ernest Alex Gregory já teve a mesma apolice acima sorteada.

6º) — O Dr. Edmundo de Miranda Jordão já teve a sua apolice n. 126.606 sorteada em 15-1-1927;

7º) — O Dr. Miguel do Nascimento Feitosa já teve a mesma apolice acima sorteada em 16-4-1928;

8º) — O Sr. Benedicto Orlando Martins já teve a sua apolice n. 159.559 sorteada em 15-7-1926;

9º) — O Sr. Vidal Behor Sion já teve a sua apolice n. 167.812 sorteada em 15-1-1929; e a mesma de n. acima hoje sorteada, em 15-10-1935;

10º) — O Sr. Moise David Hazan já teve a sua apolice n. 202.148 sorteada em 17-4-1933;

11º) — O Sr. José Augusto da Silva já teve a sua apolice numero 208.219 sorteada em 16-1-1933; e a de n. 208.215 sorteada em 15-1-1934.

Com as 39 apolices acima sorteadas, com Rs. 5:000\$000, cada uma, num total de Rs. 195:000\$000.

A EQUITATIVA já sorteou 5.993 apolices e pagou Rs. 30.064:000\$000 (trinta mil e sessenta e quatro

contos de réis).

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO S. PAULO BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero Badaró, 49, A — Rua da Bahia, 105

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$000
3.º Livro de Leitura.....	1\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000
6.º Livro de Leitura.....	4\$000

SERIE FUIGGARI-BARRETO

1.º Livro de Leitura.....	2\$5000
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$200
Cartilha Analitica.....	2\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura...	1\$500
Cartilha.....	2\$000
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

JOÃO KOPKE

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	5\$000
Selecta Classica.....	6\$000

ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	5\$000
Leitura complementar.....	5\$000
Livro de composição.....	4\$000

CARMEN GILL

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura ..	1\$500
-------------------------------	--------

A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos).	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
« « —2.º Livro.....	5\$000
« « —3.º Livro.....	5\$000

MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem — (4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem (6.º e 7.º annos).....	4\$000

MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Crianças e Homens.....	3\$000

E. DE AMICIS

Coração.....	4\$000
--------------	--------

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

ALBERTO DE OLIVEIRA

Tra Mar.....	4\$000
--------------	--------